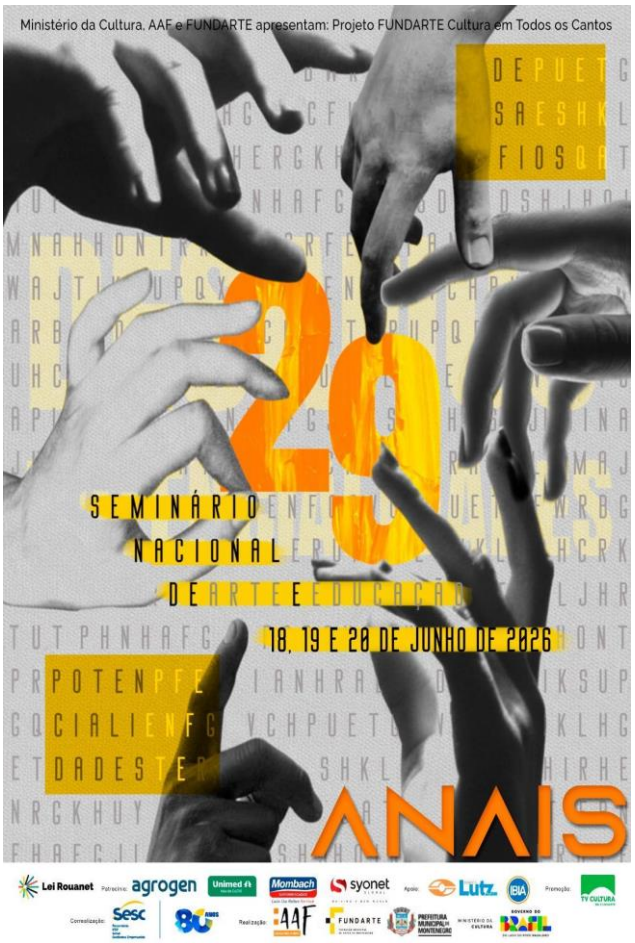


DIÁLOGOS, LACUNAS E TENSIONAMENTOS SOBRE O ENSINO DA ARTE: UM PANORAMA SOBRE A PESQUISA ACADÊMICA E AS POSSIBILIDADES DA CULTURA DE ATELIÊ

PESQUISA EM ANDAMENTO

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade.

Lucas Moraes Salles
Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil

Daniel Bruno Momoli
Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas/RS, Brasil

Eixo temático: Acessibilidade; Violência; Tecnologias ou Sustentabilidade

SALLES, Lucas Moraes; MOMOLI, Daniel Bruno. DIÁLOGOS, LACUNAS E TENSIONAMENTOS SOBRE O ENSINO DA ARTE: UM PANORAMA SOBRE A PESQUISA ACADÊMICA E AS POSSIBILIDADES DA CULTURA DE ATELIÊ. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1928, Ano 2026.

Resumo

Este texto apresenta parte do resultado obtido na pesquisa desenvolvida atrelada ao projeto “Os imaginários poético-pedagógicos da docência em arte” vinculado ao curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Neste segmento, são mostrados os caminhos percorridos durante o período da pesquisa, na busca por compreender as possibilidades do conceito de cultura de ateliê (BARBIERI, 2021) para o ensino da arte brasileiro. Para tal, foi realizado um levantamento nos periódicos da área de Educação com estratificação *qualis* A2, datados no período de 2011 a 2021, para o mapeamento do que se tem produzido sobre o tema nesses espaços. Além disso, esse levantamento também possuiu o objetivo de identificar o que se tem publicado sobre o ensino da arte nestes periódicos de maior reconhecimento na área acadêmica. A partir dos dados obtidos, foi vista uma quantidade relativamente baixa de artigos publicados sobre o “ensino da arte” e ainda mais restrito sobre cultura de ateliê, em periódicos da área de Educação. A partir disso, busca-se propor problematizações e reflexões acerca do que os dados deste levantamento podem indicar sobre o cenário do ensino da arte no Brasil.

Palavras-chave: Ensino da arte; levantamento de periódicos; cultura de ateliê; artes visuais.

O início do percurso

A escrita deste texto parte como desdobramento do fragmento de uma pesquisa[1] de iniciação científica realizada no curso de Artes Visuais Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. Ela é atrelada ao projeto “Os imaginários poético-pedagógicos da docência em arte” que promove ações com ênfase na pesquisa, que articulam-se com o grupo ArteVersa (UFRGS), sobre a investigação dos imaginários docentes no ensino de arte na educação básica, explorando suas dimensões poética, política e pedagógica. Nesse

[1] Pesquisa intitulada “As possibilidades da cultura de ateliê para o ensino da arte: caminhos para a criação e experimentação em sala de aula“. Realizada com com bolsa de iniciação científica, com fomento da FAPERGS, vinculada ao projeto “Os imaginários poético-pedagógicos da docência em arte” com coordenação do professor Daniel Bruno Momoli, vinculado ao curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Período correspondente a esta parte da pesquisa, entre setembro de 2025 e abril de 2026.

SALLES, Lucas Moraes; MOMOLI, Daniel Bruno. DIÁLOGOS, LACUNAS E TENSIONAMENTOS SOBRE O ENSINO DA ARTE: UM PANORAMA SOBRE A PESQUISA ACADÊMICA E AS POSSIBILIDADES DA CULTURA DE ATELIÊ. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1928, Ano 2026.

sentido, o tema desta pesquisa, está vinculado ao projeto a fim de contribuir na investigação pela compreensão acerca das formas de docência em arte no Brasil.

Quando leio “imaginários poético-pedagógicos” me vêm à mente todos os fatores subjetivos ou até mesmo indiretos envolvidos na formação docente em artes visuais. É aquilo que, de alguma forma ou de outra, vai impactar nas atitudes, no modo de conduzir uma aula, e de quais artistas levar para os alunos e alunas, como construir e planejar a aula de artes. Seguindo essa linha de pensamento, me questiono: Como estabelecer uma relação do ato da docência, com o ser artista e à figura pesquisante? E além do mais, como transformar a sala de aula em um espaço possível de experimentações e investigações artísticas, como em um ateliê?

Mas não um ateliê onde a técnica do saber artístico prevalece, e sim, pensar a sala de aula como um espaço com características de ateliê, como a experimentação e o compartilhamento de saberes. O foco é refletir justamente em como trazer para a sala de aula e espaços educativos, esse modo de fazer e pensar artisticamente. E acredito que com isso, é possível transformar a sala de aula em um espaço mais significativo para as aprendizagens em artes visuais, em que o diálogo, a escuta e a construção coletiva de saberes sejam desenvolvidos. Na busca de perspectivas que pudessem auxiliar na qualificação do ensino da arte escolar realizamos um estudo sobre o conceito de *cultura de ateliê*, buscando compreender suas potencialidades para a arte na educação.

Cultura de ateliê: uma filosofia de aprendizagem e convivência

Para iniciar essa discussão, é importante compreender o significado do termo “cultura de ateliê”. A partir do livro “Territórios da invenção: ateliê em movimento” com autoria da artista e educadora Stela Barbieri, retiro esse conceito e aprofundo-me na sua conceituação, na busca para compreender suas potencialidades para o ensino das artes visuais. A essência da obra é

mostrar as transformações dos ambientes de aprendizagem em verdadeiros territórios de experimentação e autoria, onde o pensar e o fazer são indissociáveis, dentro de um contexto do ateliê artístico.

A noção de cultura de ateliê (BARBIERI, 2021) aqui empregada é inspirada principalmente nas experiências propostas por Loris Malaguzzi[2] nas escolas de Reggio Emilia, na Itália. Essa abordagem entende o ateliê como um espaço de criação, pesquisa e expressão, onde as crianças são reconhecidas como sujeitos ativos, criativos e capazes de produzir conhecimento por meio de múltiplas linguagens[3] da arte através da investigação da materialidade e do pensamento projetual. Dentro desse espaço, a pluralidade das vivências e de pessoas ressoa naquilo que se faz e no contexto da cultura de ateliê, essa multiplicidade se torna fonte de criação e de diálogo.

Nesse contexto, a atuação docente precisa ser pensada na perspectiva de um "*educadorartista",* ou seja, onde essa figura atua simultaneamente como artista, pesquisador e educador. Camnitzer (2023, p.30-37) nos diz que a Arte e Educação precisam estar juntas e de acordo com suas ideias, o educador e o artista quando indissociados também promovem um ensino mais significativo, criativo e libertador, tornando-se, assim, um "*educadorartista*". Dentro da perspectiva da noção de cultura de ateliê, a figura docente precisa estar atenta para transformar diferenças em possibilidades, valorizando o encontro entre saberes, escutas e olhares. É nesse espaço comum, de trocas e experimentações, que a educação se reinventa continuamente como prática viva e sensível.

---

[2] **Loris Malaguzzi:** Pedagogo italiano e principal idealizador da abordagem de Reggio Emilia. Sua filosofia fundamenta a concepção de criança como sujeito potente e protagonista, capaz de se expressar e conhecer o mundo. Propõe uma prática educativa baseada na escuta e na investigação compartilhada, onde professor e aluno produzem conhecimento em parceria.

[3] **Múltiplas linguagens:** De acordo com FILHO (2015) é a compreensão de que toda e qualquer produção, realização ou funcionamento da criança constitui uma linguagem. Abrange não apenas a fala e a escrita, mas também gestos, silêncios, brincadeiras, artes e expressões corporais, pois todos comunicam e expressam algo sobre os sujeitos e o mundo. Para o professor, essas linguagens funcionam como ferramentas de pesquisa e mediação para observar as crianças e promover o protagonismo compartilhado no cotidiano escolar.

Sendo assim, o ateliê não é apenas um espaço físico, mas um sistema conceitual vivo e que se manifesta em situações diversas. Nesse sentido, o ateliê assume um papel como “estado de espírito” (GANDINI et al., 2012, p.76), ou seja, uma mentalidade que vai além das paredes, é um espaço que não está isolado onde acontecem apenas práticas artísticas, mas sim um ambiente de laboratório, onde acontecem as experimentações e construção coletiva dos saberes nas aulas de artes visuais em diálogo com o mundo. Portanto, a noção de cultura de ateliê caminha no sentido de uma filosofia de aprendizagem e convivência.

No entanto, é preciso refletir sobre a aproximação dessa cultura com o contexto escolar básico. As realidades escolares públicas são heterogêneas e muito diversificadas, principalmente no cenário brasileiro, vistas as proporções continentais do território, questões políticas e uma série de fatores. A realidade crua e nua da educação brasileira nas escolas públicas, enfrenta uma série de desafios que não podem ser ignorados e por isso, como é possível propor ações de ateliê em um ambiente que muitas vezes não possui o básico? Bom, a cultura de ateliê vai na lógica de justamente não ser um conceito acoplado à noção da espacialidade física, mas em algo que transcende, amplia o seu foco para as vivências e realidades, propõe investigações sobre o cotidiano, as trocas e a construção coletiva de saberes que ocorre nessa atmosfera artística.

Para finalizar essa primeira parte da discussão, é importante dizer que a cultura de ateliê revela-se não como um privilégio dependente de recursos materiais abundantes ou de uma infraestrutura ideal, mas sim como uma postura ético-estética e política profundamente necessária para o ensino das artes visuais. Ao se consolidar como um "estado de espírito" investigativo e flexível, essa abordagem encontra na realidade complexa e heterogênea da escola pública brasileira um espaço de urgência, resistência e reinvenção. Sob a mediação de uma docência sensível e atenta; que assume o papel de pesquisadora e integra de forma indissociável o pensar, o fazer e o escutar; as limitações do cotidiano são tensionadas pela potência das trocas coletivas e pela valorização do repertório dos estudantes. Assim, longe de ser uma utopia

distante, a cultura de ateliê se firma como uma filosofia de aprendizagem viva e emancipatória, capaz de transformar a sala de aula em um território legítimo de autoria, diálogo e sensibilidade.

Os percursos no processo de levantamento dos periódicos *qualis* A2

Neste momento, discorro sobre o processo de levantamento de artigos nos periódicos com estratificação *qualis* A2, lotados na área de Educação. O foco desta escrita é relatar especificamente o procedimento e os resultados encontrados nesta estratificação (A2), com dois objetivos importantes: o primeiro é fazer e compreender um panorama geral sobre o que tem-se publicado sobre ensino da arte nestes periódicos de relevância considerável; e o segundo, buscar nessas publicações indícios que possam colaborar para o entendimento da noção de cultura de ateliê.

É importante ressaltar que esse processo é uma continuidade do levantamento realizado no ciclo anterior da bolsa de pesquisa (10/2024 até 09/2025), que consistiu na busca em periódicos da área de Artes. Visto uma quantidade relativamente baixa de artigos publicados sobre o "ensino da arte" em periódicos da área de Artes, ponderou-se pertinente no próximo ciclo da pesquisa fazer esse levantamento nas revistas da área da Educação.

Nessa nova etapa do levantamento de periódicos foi utilizada a ferramenta de "*Classificação Qualis*" do site da Plataforma Sucupira[4]. Esta ferramenta possibilita a consulta ao ranking das revistas científicas, sendo este um dos principais critérios para avaliar a qualidade da produção de pesquisa acadêmica. Neste estudo, foram priorizados os periódicos com *qualis* A2, na área da Educação. Para encontrar as revistas de acordo com os objetivos da pesquisa, trabalhamos com os seguintes filtros da própria plataforma, que estão descritos a seguir:

[4] **Plataforma Sucupira:** É o sistema online da CAPES que permite a classificação e consulta ao *Qualis* dos periódicos das diversas áreas. Acesse o site: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf

1º Evento de Classificação: Esta área serviu para selecionar a partir do quadriênio 2017-2020, a classificação dos periódicos.

2º Área de Avaliação: Esta aba selecionou a área do conhecimento que realizei a busca dos periódicos, que é a da Educação.

3º Classificação: Esta etapa serviu para selecionar o *qualis* dos periódicos com os quais trabalhei, no caso A2.

Após trabalhar com os filtros mencionados anteriormente, o site retornava com os resultados da busca. Em seguida, selecionei todas as informações (ISSN, Título, Área com publicação no quadriênio, Classificação, Área mãe) de todos os periódicos que apareceram e transferi para uma tabela na ferramenta do Google Planilhas. A partir disso, trabalhei apenas com este recurso em formato de tabelas, para melhor visualização e organização do andamento do levantamento. Esta fase no levantamento de periódicos foi dividida em três partes: a primeira, consistiu em mostrar todas as revistas que apareceram com a busca; a segunda parte foi um refinamento na coluna “área mãe” e descarte das revistas duplicadas; e a terceira parte destinou-se a identificar o link e verificar o funcionamento do site da revista.

A primeira parte consistiu em uma tabela que reuniu todas as revistas que a plataforma levantou, no total foram 538 com classificação A2. Nesta parte, não foi levado em consideração nenhum critério de seleção, apenas foi um movimento de transferir as informações para a plataforma do Google Planilhas e a partir disso, seguir com as outras partes do levantamento. Em seguida, na segunda parte, para poder refinar ainda mais o levantamento, na coluna denominada “*Área mãe*”, selecionei apenas os periódicos que condizem com a Educação. Após esse processo, ficou um total de 112 revistas.

Na terceira parte, descartei as revistas duplicadas, pois o site mostrava o formato online e impresso, mas no final eram as mesmas e apenas o “formato” de veículo era diferente, então segui com as onlines. Também eliminei as revistas que estavam em outro idioma, identifiquei o link e verifiquei o funcionamento da área de busca dos sites das revistas, que ajudará na outra etapa do levantamento. E ao final, chegou-se ao número de 32 periódicos.

O recorte metodológico na estratificação *qualis* A2

Com os sites identificados dos 32 periódicos com *qualis* A2[5], o próximo passo foi realizar o levantamento dentro de cada site. Para fazer essa busca, no espaço "Buscar" insere-se o termo de busca e nos "Filtros avançados" é onde delimita-se o recorte temporal, que é de 2011 até 2021. Então, foram definidos os "termos de busca"[6] e os "operadores booleanos"[7] para poder realizar o levantamento no site. O primeiro termo definido foi *ensino da arte* e o segundo foi *("ensino" OR "educação") AND ("arte" OR "artes")*.

No primeiro momento utilizei o termo "ensino da arte'' com o marcador temporal delimitado, de 2011 até 2021, que corresponde à produção desenvolvida na segunda metade do século XXI. Em seguida apareciam os resultados mostrando os artigos publicados, a partir do termo de busca, em algumas revistas não apareciam resultados. O objetivo neste momento, era fazer uma primeira identificação das publicações que se relacionavam com o tema ensino da arte. Para fazer essa seleção primária, foram analisados alguns itens desses artigos, como o título e o resumo, caso não ficasse claro se aquele texto contemplava o tema de interesse, era realizada a leitura da introdução e da conclusão do artigo. Após esse processo, caso o artigo

---

[5] **As revistas com estratificação *qualis* A2 são:** Cadernos De Educação; Cadernos de História da Educação; Debates em Educação; Educação e Cultura Contemporânea; Educação e Filosofia; Educação em Perspectiva; Educação; Educação: Teoria e Prática; Educação Unisinos; Em Aberto; Germinal: Marxismo e Educação em Debate; Horizontes; Inter-Ação; Interfaces da Educação; REFilo- Jornal de Filosofia nas Escolas; Jornal de Políticas Educacionais; Linhas Críticas; Linhas; Perspectiva; Práxis Educacional; Psicologia da Educação; Retratos da Escola; Revista Brasileira de Alfabetização; Revista Cocar; Revista E-Curriculum; Revista Educação Especial; Revista Educação Pública; Revista Eletrônica de Educação; Revista Faeeba; Revista @mbienteeducação; Revista Teias; Roteiro.

[6] **Termo de busca:** É uma palavra ou frase utilizada em um mecanismo de busca para pesquisar na internet dentro de um banco de dados, no caso desta pesquisa foi utilizado o termo de busca "ensino da arte", pois delimita o que está sendo pesquisado.

[7] **Operadores *booleanos*:** Operadores booleanos são palavras (*AND, OR, NOT*) ou símbolos usados para conectar e definir a relação entre termos de pesquisa, restringindo ou ampliando os resultados em bancos de dados e motores de busca (EBSCO - Connect, 2018). No caso desta pesquisa, foi utilizado da seguinte forma: ("ensino" *OR* "educação") *AND* ("arte" *OR* "artes").

contemplasse o tema de interesse, eram coletadas algumas informações dele, como: título, autores, resumo, palavras-chave, revista (periódico), instituição veiculada, região, ano de publicação e link do arquivo; que formariam um banco de dados em formato de tabela.

A primeira busca era feita com o termo “ensino da arte”, para possivelmente ampliar os resultados de busca, com o auxílio dos operadores booleanos, desenvolvi um outro termo *(“ensino” OR “educação”) AND (“arte” OR “artes”)*. Nesta situação, foi possível observar que no segundo operador, já estava levando em consideração os artigos que apareceram com o primeiro buscador. Então, com o uso desses recursos para levantar os artigos dentro de cada site, o total de publicações foi 979; levando em consideração que este número é antes de fazer o refinamento de escolha, ou seja, realizar a leitura dos resumos, título e etc. Neste grupo de revistas A2, não havia nenhum site com um sistema de busca diferente do padrão, não sendo preciso desenvolver outros métodos para o levantamento.

Quadro 1 - Resultados estimados do levantamento de artigos

Estratificação da revista (*qualis*)	1ª Parte da seleção (total de revistas)	2ª Parte da seleção das revistas	3ª Parte da seleção das revistas	Total de publicações (termos de busca, recorte temporal)	Artigos publicados (área de interesse - ensino de arte)
A2	538	112	32	979	36

Fonte: o autor, 2025-2026.

Ao final, nas revistas com estratificação *qualis* A2 o número total estimado foi de 36 artigos publicados entre 2011 a 2021 que atendiam a temática relacionada ao ensino de arte. É importante ressaltar que neste caso trabalhamos com um recorte de pesquisa, sendo preciso utilizar de parâmetros e critérios específicos para trabalhar com determinados tipos de informações. Por isso, esses números são estimados, reconhecendo que possam existir mais publicações dentro da temática neste período, mas que não foram

contempladas neste banco de dados, justamente por uma questão de recorte de pesquisa.

Uma análise quantitativa e qualitativa: o que os números podem nos dizer?

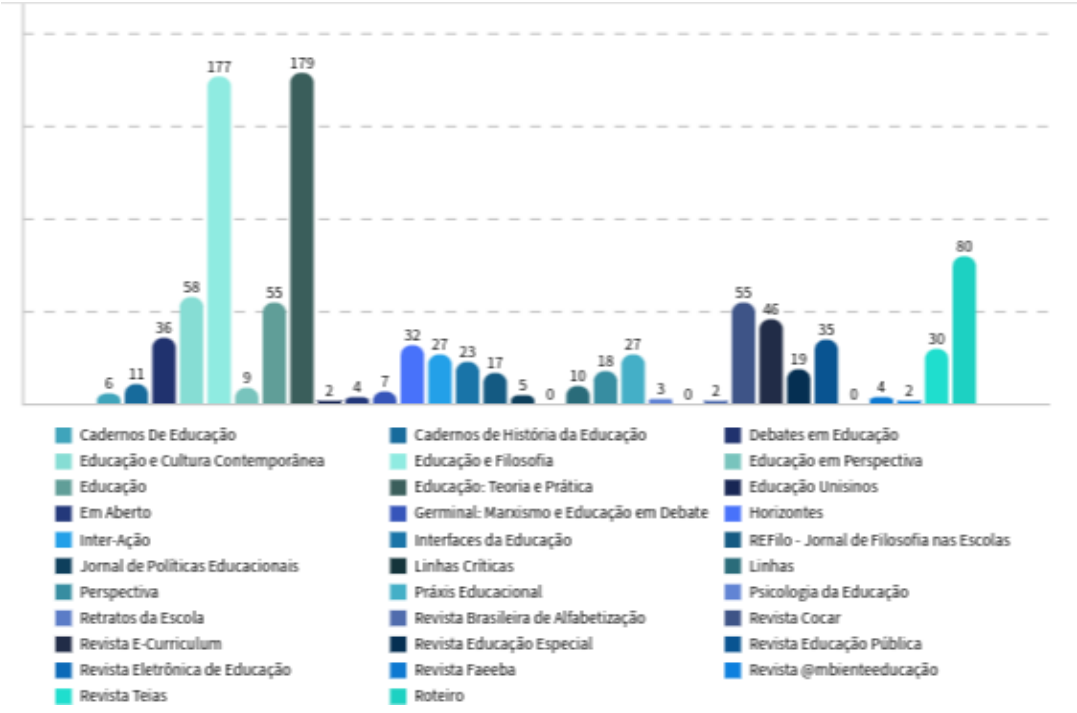
Esse levantamento gerou números estimados que são importantes para compreender a dimensão da pesquisa. Nesse sentido, o objetivo do estudo desses números não é apenas parametrizar ou quantificar as informações obtidas, mas para lançar um olhar de compreensão do conhecimento desenvolvido. As tabelas e gráficos apresentados abaixo têm como objetivo sistematizar e evidenciar a distribuição das publicações em periódicos classificados no estrato A2, destacando as universidades, as regiões e a quantidade de artigos publicados.

Quadro 2 - Relação entre instituição, região e quantidade de publicações nas revistas A2

Revista A2	Instituição veiculada	Região	Quantidade de publicações (a partir dos termos de busca, recorte temporal)	Quantidade de publicações (área de interesse para a pesquisa - ensino de arte)
Cadernos De Educação	UFPel	Sul	6	1
Cadernos de História da Educação	UFU	Sudeste	11	2
Debates em Educação	UFAL	Nordeste	36	1
Educação e Cultura Contemporânea	Universidade Estácio de Sá	Sudeste	58	2
Educação e Filosofia	UFU	Sudeste	177	1
Educação em Perspectiva	UFV	Sudeste	9	0
Educação	UFSM	Sul	55	7
Educação: Teoria e Prática	UNESP	Sudeste	179	3
Educação Unisinos	UNISINOS	Sul	2	0
Em Aberto	INEP	Centro-Oeste	4	1
Germinal: Marxismo e Educação em Debate	UFBA	Nordeste	7	0
Horizontes	USF	Sudeste	32	2
Inter-Ação	UFG	Centro-Oeste	27	3
Interfaces da Educação	UEMS	Centro-Oeste	23	2
REFilo - Jornal de Filosofia nas Escolas	UFSM	Sul	17	0
Jornal de Políticas Educacionais	UFPR	Sul	5	0
Linhas Críticas	UNB	Centro-Oeste	0	0
Linhas	UDESC	Sul	10	0
Perspectiva	UFSC	Sul	18	1
Práxis Educacional	UESB	Nordeste	27	2
Psicologia da Educação	PUC - SP	Sudeste	3	0
Retratos da Escola	CNTE	Centro-Oeste	0	0
Revista Brasileira de Alfabetização	UDESC e ABAlf	Sul	2	0
Revista Cocar	UEPA	Norte	55	0
Revista E-Curriculum	PUC - SP	Sudeste	46	0
Revista Educação Especial	UFSM	Sul	19	1
Revista Educação Pública	UFMT	Centro-Oeste	35	2
Revista Eletrônica de Educação	UFSCar	Sudeste	0	0
Revista Faeeba	UNEB	Nordeste	4	0
Revista @mbienteeducação	UNICID	Sudeste	2	0
Revista Teias	UERJ	Sudeste	30	3
Roteiro	UNOESC	Sul	80	2

Fonte: o autor, 2026.

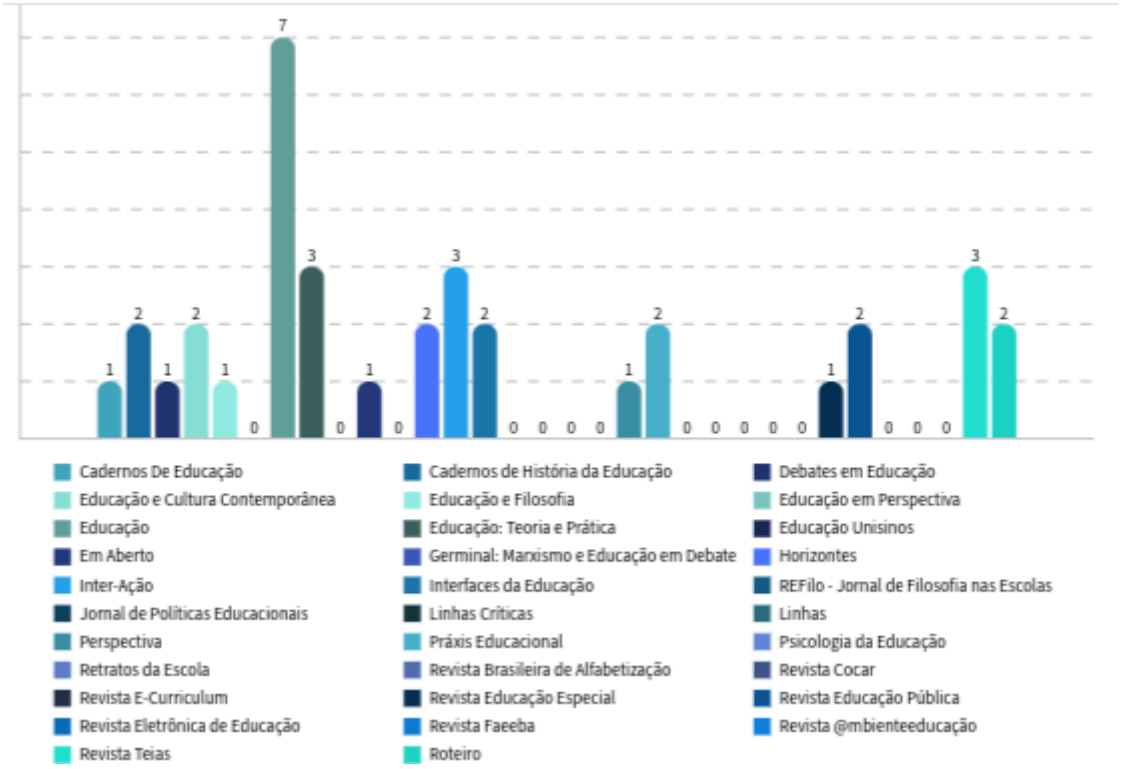
Figura 1 - Relação da quantidade de publicações A2 a partir dos termos de busca



SALLES, Lucas Moraes; MOMOLI, Daniel Bruno. DIÁLOGOS, LACUNAS E TENSIONAMENTOS SOBRE O ENSINO DA ARTE: UM PANORAMA SOBRE A PESQUISA ACADÊMICA E AS POSSIBILIDADES DA CULTURA DE ATELIÊ. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1928, Ano 2026.

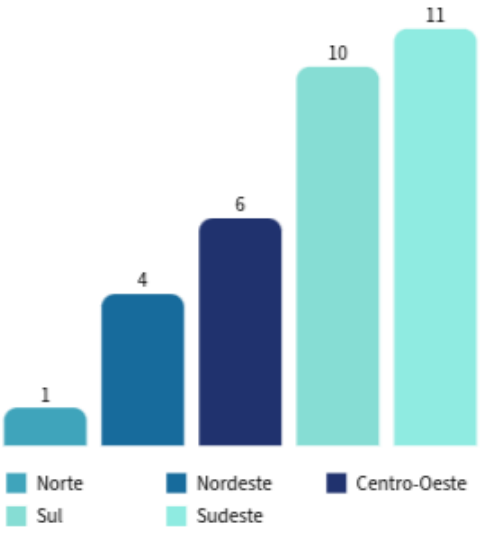
Fonte: o autor, 2026.

Figura 2 - Relação da quantidade de publicações A2 a partir da área de interesse



Fonte: o autor, 2026.

Figura 3 - Distribuição de periódicos A2 por regiões brasileiras



Fonte: o autor, 2026.

SALLES, Lucas Moraes; MOMOLI, Daniel Bruno. DIÁLOGOS, LACUNAS E TENSIONAMENTOS SOBRE O ENSINO DA ARTE: UM PANORAMA SOBRE A PESQUISA ACADÊMICA E AS POSSIBILIDADES DA CULTURA DE ATELIÊ. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1928, Ano 2026.

Ao analisar a estratificação A2, percebe-se um aumento significativo no volume de publicações encontradas pelos termos de busca, mas uma manutenção da disparidade entre "quantidade de busca" e "interesse real da pesquisa". Os periódicos “Educação: Teoria e Prática” (UNESP) e “Educação e Filosofia” (UFU) apresentam volumes massivos de 179 e 177 artigos, respectivamente. Contudo, a produção efetiva para a área de interesse cai drasticamente para 3 e 1 artigos nestas mesmas instituições. O destaque de aderência temática no *qualis* A2 é a revista “Educação” (UFSM), na região Sul, que registrou 7 publicações de interesse para a pesquisa, o mesmo número alcançado pela melhor revista do estrato A1. Isso demonstra de alguma forma, a partir dos dados, que a relevância para uma pesquisa específica pode ser encontrada de forma distribuída entre os estratos superiores da CAPES.

Regionalmente, os periódicos A2 mostram uma leve descentralização, embora a hegemonia permaneça no eixo Sul-Sudeste. O Sudeste assume a liderança com 11 periódicos, seguido pela região Sul com 10. Diferente das revistas A1, o Centro-Oeste apresenta uma participação mais robusta com 6 periódicos, e o Norte finalmente aparece no mapa acadêmico com 1 periódico (Revista Cocar - UEPA), evidenciando uma base de pesquisa em expansão, mas ainda em processo de consolidação para atingir os níveis de estratificação *qualis* mais elevados.

Diálogos possíveis: análise dos artigos selecionados

A próxima etapa foi identificar no banco de dados, publicações que apontassem algum indício relacionado a “cultura de ateliê”. Como o número de artigos publicados dentro da área de interesse foi relativamente pequeno, foi realizada a leitura dos títulos e dos resumos das publicações, identificando quais tinham relação com o tema da cultura do ateliê. Ao final desse processo, dos 36 artigos das revistas A2 apenas 3 apresentaram alguma relação com o meu objetivo. Esses três artigos identificados foram: “Crianças pequenas e arte: expressões e significações” (CUNHA, 2021); “Arte, infância e indústria

cultural” (SOUZA, 2014) e “Experiências estéticas e estésicas: a leitura de imagens com crianças da/na educação infantil” (GÓES, 2021).

Para realizar essa etapa de leitura dos artigos, foi desenvolvida uma ficha de leitura. Inicialmente, são solicitadas informações básicas como título, autor, ano, revista pertencente, *qualis* e o link de acesso, esses dados servem para contextualizar a publicação. Em seguida, três questões são levantadas: O que o artigo diz sobre o ensino da arte de modo geral (por que a/o autor/a diz que é importante); O que o artigo diz sobre as infâncias; O que o artigo explora sobre os contextos de invenção (criatividade, organização do espaço, etc.). Esses três aspectos propõem reflexões sobre o que os artigos discutem em relação ao ensino da arte, às infâncias e contextos de invenção, promovendo um olhar analítico sobre os argumentos centrais, associando ao estudo da cultura de ateliê.

A análise desses textos é exposta em formato de tabela, para melhor visualização do processo de compreensão dos aspectos analisados, em seguida, conduzo uma reflexão sobre o conteúdo. O primeiro artigo analisado tem como título “Crianças pequenas e arte: expressões e significações” e a autoria é de Sandra Mara da Cunha. A publicação foi feita na revista Em Aberto, vinculada ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no ano de 2021.

Quadro 3 - Análise do artigo “Crianças pequenas e arte: expressões e significações”

	PERGUNTAS		
ARTIGO	O que o artigo diz sobre o ensino da arte de modo geral (por que a/o autor/a diz que é importante)?	O que o artigo diz sobre as infâncias?	No texto há indícios de aproximação com os contextos de invenção? (criatividade, organização do espaço, etc.)
"Crianças pequenas e arte: expressões e significações" (CUNHA, 2021)	- É um campo de conhecimento fundamental que permite compreender e expressar quem somos de modos poéticos. - Envolve saberes de natureza sensível presentes no currículo. - Significa aprender a "inventar e reinventar" a arte, deixando marcas no mundo. - Ajuda a criança a se reconhecer como sujeito expressivo que reinventa o cotidiano.	- É definida como o "tempo da investigação e da criação". - Reconhece o potencial investigativo e criativo das crianças como participantes ativas na construção do conhecimento. - Destaca que elas dizem de si com propriedade por múltiplas linguagens. - É vista como o tempo do aión (tempo suspenso voltado à novidade e à experiência estética), e não mero estágio de desenvolvimento.	- Sim. Defende abordagens pedagógicas que incentivam a exploração de materiais diversos e acolhem as criações infantis. - A invenção ocorre no planejamento de tempos e espaços para as crianças "inventarem novas maneiras de habitá-los". - O processo criativo foca na experiência do fazer e no ato de dar novos sentidos a movimentos, sons, cores e formas.

Fonte: o autor, 2026.

Ao longo de sua escrita, Cunha nos mostra uma certa aproximação com os aspectos que considero relevantes dentro da perspectiva de cultura de ateliê. Em relação ao ensino da arte de forma geral, a autora vai defender como um campo essencial de conhecimento sensível que permite às crianças compreenderem e expressarem quem são de modo poético, indo além de decifrar códigos para aprenderem a inventar e reinventar o próprio cotidiano. Essa perspectiva se alinha a uma visão de infância definida como o "tempo da investigação e da criação", fortemente relacionada ao conceito de *aión*[8]. Toda essa dinâmica se conecta aos contextos de invenção na prática pedagógica, que se manifesta no planejamento de espaços e tempos que desafiam as crianças a criarem novas formas de habitá-los, focando na experiência do fazer, na exploração de materiais diversos e no ato de dar novos sentidos a movimentos, sons, formas e cores

[8] O tempo do *Aión* (ou Aion) é um conceito grego para o tempo eterno, cíclico e ilimitado, contrastando com o *Chronos* (cronológico) e *Kairos* (momento oportuno). Representa a força vital, a duração da vida, a totalidade do ser e a eternidade sem começo ou fim. (SEGALL, 2015). Disponível em: https://footnotes2plato.com/2015/05/15/minding-time-chronos-kairos-and-aion-in-an-archetypal- cosmos/.

O segundo artigo analisado tem como título “Arte, infância e indústria cultural” e a autoria é de André Barcellos Carlos de Souza. A publicação foi feita na revista Inter-Ação, vinculada a Universidade Federal de Goiás (UFG), no ano de 2014.

Quadro 4 - Análise do artigo “Arte, infância e indústria cultural”

	PERGUNTAS		
ARTIGO	O que o artigo diz sobre o ensino da arte de modo geral (por que a/o autor/a diz que é importante)?	O que o artigo diz sobre as infâncias?	No texto há indícios de aproximação com os contextos de invenção? (criatividade, organização do espaço, etc.)
"Arte, infância e indústria cultural"(SOUZA, 2014)	- Permite que a criança estabeleça uma experiência estética para entender o real de forma complexa e profunda. - É vista como uma "finalidade sem fim", que se opõe à lógica de organização e administração da sociedade capitalista. - Deve ser vista como campo de conhecimento (e não produto de mercado), funcionando como ferramenta de autonomia e emancipação.	- É uma construção histórica e social consolidada junto ao capitalismo, sofrendo mudanças da Idade Média para a modernidade. - Na modernidade, a socialização passou a ser mediada por instituições (escola, família) que priorizam as "coisas" em vez das relações humanas. - A criança é um ser social desde o nascimento, indivíduo pensante e crítico capaz de produzir cultura (e sentir angústia/medo).	- Sim. Na organização do espaço, analisa a arquitetura e o urbanismo como formas de controle. - Na criatividade, destaca o "mundo de coisas" que as crianças criam sozinhas com brinquedos e materiais residuais, inventando relações bruscas e novas que fogem dos materiais pedagógicos padronizados dos adultos. - A arte é descrita como invenção que cria um "outro mundo real".

Fonte: o autor, 2026.

Por sua vez, Souza traz uma análise mais sociológica e filosófica, defendendo que o ensino da arte proporciona uma experiência estética profunda que vai além da percepção imediata e se opõe à lógica mercantilista do capitalismo, servindo como uma ferramenta indispensável para a autonomia e emancipação humana. Ao discutir as infâncias, o autor a posiciona como uma construção social e histórica modificada pelo avanço do capitalismo, criticando como as instituições modernas fazem a criança priorizar a relação com as "coisas" em detrimento das relações humanas, ao mesmo tempo em que a reconhece como um ser social e pensante capaz de produzir cultura e expressar sentimentos reais, como o medo e a angústia. Essa capacidade inventiva surge fortemente na discussão sobre o "mundo de coisas" que as próprias crianças criam para si a partir de brinquedos e materiais residuais, gerando relações totalmente novas e inesperadas que rompem com a rigidez

dos materiais pedagógicos padronizados pelos adultos e transformam a própria arte em uma forma de criar outro mundo real pelo estranhamento.

O terceiro artigo analisado tem como título “Experiências estéticas e estésicas: a leitura de imagens com crianças da/na educação infantil” e a autoria é de Margarete Sacht Góes. A publicação foi feita na revista Perspectiva, vinculada a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2021.

Quadro 5 - Análise do artigo “Experiências estéticas e estésicas: a leitura de imagens com crianças da/na educação infantil”

	PERGUNTAS		
ARTIGO	O que o artigo diz sobre o ensino da arte de modo geral (por que a/o autor/a diz que é importante)?	O que o artigo diz sobre as infâncias?	No texto há indícios de aproximação com os contextos de invenção? (criatividade, organização do espaço, etc.)
"Experiências estéticas e estésicas: a leitura de imagens com crianças da/na educação infantil"(GÓES, 2021)	- É fundamental para ampliar o acesso das crianças às experiências estésicas (percepção pelos sentidos) e aos códigos estéticos da cultura. - Nutre os repertórios artísticos e culturais dos educandos. - Afirma que as capacidades artísticas não são dons inatos, mas apropriações histórico-culturais que dependem da qualidade das mediações pedagógicas.	- É uma construção social e histórica, apontando a existência de múltiplas "infâncias" cruzadas por classe social, etnia e gênero. - Evoluiu da concepção de "adulto em miniatura" (Idade Média) para a de um sujeito histórico e de direitos. - A criança constrói identidade e sentidos por meio de interações, brincadeiras, imaginação e experimentação.	- Sim. Destaca que as experiências estéticas devem ser pautadas pela liberdade de escolha (do espaço, temas, cores, formas e suportes). - A organização de tempos, espaços e materiais é essencial para unir as dimensões motora, cognitiva e estética. - Relata processos criativos de reelaboração singular/coletiva de obras (ex: Tarsila do Amaral) com sementes, botões e tecidos, gerando uma expografia sensorial.

Fonte: o autor, 2026.

Por fim, Góes argumenta que o ensino da arte é crucial para expandir o acesso das crianças às experiências estésicas[9], ligadas à percepção do mundo pelos sentidos, enfatizando que as capacidades artísticas não são dons inatos, mas sim apropriações construídas culturalmente por meio de mediações pedagógicas de qualidade. Essa ideia acompanha uma visão de infância plural e histórica, que superou o antigo conceito medieval de "adulto em miniatura" para consolidar a criança moderna como um sujeito de direitos que elabora sua identidade e seus sentidos de mundo brincando, imaginando e interagindo.

[9] Experiências estésicas, segundo a autora, são vivências focadas na percepção sensível, onde o sujeito se conecta com o mundo através dos sentidos.

Essa abordagem se aproxima nitidamente dos contextos de invenção ao propor que as práticas estéticas garantam liberdade de escolha aos alunos; desde a seleção do espaço até os temas, cores e suportes utilizados; o que se reflete no relato prático de um processo criativo em que as crianças reelaboraram de forma singular obras de Tarsila do Amaral com elementos como botões, tecidos e sementes, resultando em uma exposição sensorial totalmente acessível.

Considerações finais: tensionamentos e horizontes para o ensino da arte

Ao lançarmos um olhar sobre o percurso metodológico e teórico deste recorte de pesquisa, compreendemos que a jornada de mapeamento e análise vai muito além da simples catalogação de dados. Este estudo, alinhado com o projeto "Os imaginários poético-pedagógicos da docência em arte" da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), propôs-se a investigar as frestas e as possibilidades do/para o ensino da arte no Brasil através do conceito de cultura de ateliê. Sobretudo, nos mostra um possível panorama da produção acadêmica sobre ensino da arte, em periódicos com maior relevância pela CAPES.

Como primeiro ponto de conclusão, dedico-me ao processo de levantamento nos periódicos *qualis* A2 da área de Educação. Esta ação mostrou-se de extrema relevância para o desenvolvimento da pesquisa, visto que apresentou índices relevantes que permitem problematizações e reflexões sobre a produção acadêmica voltada para as discussões sobre ensino da arte. Por ser uma pesquisa com abordagem qualitativa, esses números estão longe de serem apenas indicadores estatísticos, apresentam-se como pilares na construção de argumentos, e sobretudo, sussurram um ponto de atenção sobre o cenário acadêmico brasileiro. Ao partirmos de um universo inicial de 538 revistas, reduzido para 32 periódicos após os filtros, fomos confrontados com um abismo quantitativo. A identificação de 979 publicações a partir dos termos de busca e dos operadores booleanos parecia promissora; no entanto, o refinamento qualitativo (construído pela leitura atenta de títulos, resumos e

introduções) revelou que apenas 36 artigos discutiam efetivamente o ensino da arte no recorte temporal de 2011 a 2021.

Essa disparidade pode indicar que o ensino da arte ainda ocupa possivelmente um lugar menor nas discussões gerais nos periódicos brasileiros da área da Educação. Quando observamos que revistas de maior relevância, de acordo com a CAPES, apresentam um número considerável de publicações em seus históricos recentes, mas apenas uma parte ínfima (um a três artigos) aparece como sendo da área do ensino de arte, fica evidente que há um esvaziamento desse debate nos principais eixos produtores de conhecimento científico, artístico e pedagógico. No entanto, trabalhamos com o recurso do recorte de pesquisa e utilização de parâmetros e critérios específicos para lidar com determinados tipos de informações. Por isso, esses números são estimados, reconhecendo que possam existir mais publicações dentro da temática neste período (2011 - 2021) e em outras estratificações de periódicos, mas que não foram contempladas neste banco de dados, justamente por uma questão de recorte de pesquisa.

Além disso, a distribuição geográfica das revistas mapeadas reforça a persistente centralização da produção acadêmica no eixo Sul-Sudeste, que concentra 21 dos 36 periódicos analisados. Embora se note uma tímida descentralização com a presença de vertentes no Centro-Oeste, na região Norte e no Nordeste, a pesquisa de alto impacto sobre o ensino da arte ainda reflete as desigualdades estruturais do território nacional, ou, do alcance de circulação dessas pesquisas, e ainda pode nos indicar que é um tema emergente em consolidação. Esse cenário acende um alerta: se a produção científica sobre o ensino da arte é escassa nos espaços de maior reconhecimento da Capes, a validação, o fomento e a inovação das práticas pedagógicas artísticas podem enfrentar barreiras para se consolidar cada vez mais institucionalmente nas políticas públicas e nos currículos escolares.

Como segundo ponto de conclusão, dedico-me à compreensão sobre a noção de cultura de ateliê frente ao levantamento de periódicos. Na busca de perspectivas que pudessem auxiliar na qualificação do ensino da arte escolar e

dentro desse cenário de escassez acadêmica, realizamos um estudo sobre o conceito de cultura de ateliê, buscando compreender suas potencialidades para a arte na educação. Mostrando reflexões, particularidades da importância de se pensar a sala de aula como um ambiente de experimentação e construção coletiva dos saberes nas aulas de artes visuais. A partir do conceito trazido por Stela Barbieri, inspirado nas experiências de Reggio Emilia e Loris Malaguzzi, a cultura de ateliê compreende o espaço educativo como um organismo vivo, um laboratório de autoria, diálogo e investigação sensível. O ateliê deixa de ser um local físico para se transformar em um "estado de espírito", uma mentalidade compartilhada entre professores e estudantes onde o pensar e o fazer são indissociáveis. No contexto da heterogeneidade e das históricas carências da escola pública brasileira, essa filosofia ganha importância, pois propõe que a escuta atenta, a valorização do repertório dos sujeitos e a investigação do cotidiano transcendam as limitações estruturais.

Levando em conta o levantamento nos periódicos, das 36 publicações sobre ensino da arte, apenas três artigos demonstraram certa aderência aos aspectos que pudessem estabelecer diálogo com a temática da cultura de ateliê. No entanto, esses textos foram fundamentais para aprofundar esse conceito. Cada autora e autor, à sua maneira, ofereceu uma camada essencial para compreendermos o universo que engloba a cultura de ateliê. CUNHA (2021) ao defender que aprender arte é aprender a inventá-la e reinventá-la para marcar o mundo, a autora valida o ateliê como o espaço onde as crianças e o *educadorartista* planejam tempos e espaços abertos à imprevisibilidade da experiência prática, promovendo transformações significativas. SOUZA (2014) ao analisar o "mundo de coisas" que as crianças constroem com brinquedos e outros materiais, demonstra que a criatividade infantil opera por relações que escapam ao controle dos adultos e dos materiais pedagógicos padronizados. Um ambiente com cultura de ateliê, portanto, legitima essa capacidade da criança de produzir cultura e subverter o real através do estranhamento artístico. GÓES (2021) aprofunda a conceituação da cultura de ateliê ao demonstrar que as experiências estéticas exigem, obrigatoriamente, liberdade

de escolha para os alunos, seja no espaço, nos temas, nas cores e/ou nos suportes.

A importância deste estudo reside, portanto, em sua capacidade de tensionar imaginários cristalizados sobre o que significa ensinar e aprender arte. Além de propor reflexões sobre o cenário da produção acadêmica referente a segunda metade do século XXI (2011 - 2021), o que pode reverberar atualmente. Ao propor a cultura de ateliê como horizonte pedagógico, abre-se espaço para pensar a escola como território vivo, capaz de acolher múltiplas linguagens, promover experiências estéticas significativas e formar sujeitos sensíveis e críticos. Mais do que respostas definitivas, esta investigação oferece perguntas e caminhos, reconhecendo a educação em arte como campo em constante movimento, que exige abertura ao inesperado e compromisso com a invenção.

Referências:

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção:** ateliê em movimento. 1. ed. São Paulo: Jujuba, 2021.

CAMNITZER, Luis. Nem arte, nem educação. In: LOPONTE, Luciana Gruppelli; MOSSI, Cristian Poletti (org.). **ARTEVERSA:** arte, docência e outras invenções. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p.30-37.

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças pequenas e arte: expressões e significações. **Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p. 75-84, jan-abr. 2021.

FILHO, Gabriel de Andrade Junqueira. Múltiplas linguagens na educação da infância: perspectivas de protagonismo compartilhado entre professor, crianças e conhecimento. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de (org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul:** perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 127-140.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (org.). **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

GÓES, Margarete Sacht. Experiências estéticas e estésicas: a leitura de imagens com crianças da/na educação infantil. **Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v. 39, n. 1, p.01-19, jan-mar. 2021.

SOUZA, André Barcellos Carlos de. Arte, infância e indústria cultural. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 39, n. 1, p.129-143, jan-abr. 2014.